

Os almanaques populares: leituras e apropriações em Ariano Suassuna

Christiane Marques Szesz*

Resumo: Neste trabalho faz-se uma análise de como o escritor Ariano Suassuna se apropria do texto popular, mais especificamente, do almanaque popular e o cita em sua obra.

Palavras-chave: História intelectual – Almanaque popular – Suassuna.

Abstract:

These work makes a study of analyses how the writer Ariano Suassuna appropriates the popular text, specifically the popular “almanaque”.

Keywords: Intellectual history - Popular almanaque – Suassuna.

Ariano Suassuna aponta constantemente a vinculação de sua obra com a cultura popular. Desde a primeira peça, *Uma mulher vestida de sol* Ariano iniciou a tentativa de recriar na dramaturgia textos da literatura popular. Desse modo, jamais deixou de expor as fontes populares de seu trabalho referindo-se um trabalho de criação e recriação com base nos elementos herdados da tradição popular.

Desse modo no romance a *Pedra do Reino* há inúmeras apropriações¹ da tradição erudita e da tradição popular. Quaderna o narrador da história é escritor de almanaques, “e como astrólogo e dizedor de sorte” (ARIANO, 1972:398) mantém no jornal da cidade de Taperoá, a cidade onde se desenvolve a narrativa, uma coluna de horóscopo.²

Através de Quaderna Ariano Suassuna registra a importância dos almanaques populares no nordeste. Para Quaderna o almanaque era uma espécie de enciclopédia popular redigido em linguagem acessível que reunia variados tipos de conhecimentos eruditos e populares (ARIANO, 1972:131). Entre eles estava o almanaque de Campina Grande (ARIANO, 1972:131)³.

* Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutoranda UNB.

¹ O conceito de apropriação desenvolvido por Chartier embasa as reflexões neste texto.

² Sobre a coluna de horóscopo diz Quaderna: “Eu porém não dormia sobre os louros. Havia, em nossa vila, um semanário governista, a Gazeta de Taperoá, pertencente ao comendador Brasília Monteiro. Visando meu prestígio de colaborador de almanaque, convenci o comendador a introduzir na Gazeta, uma página literária, social, charadística e astrológica que passei a dirigir, começando, logo a ser discretamente cortejado por aqueles que queriam publicar seu artigo.

³ Diz Quaderna (...) o nosso conhecido Euclides Villar emigrou para Campina Grande fundando ali o almanaque de Campina Grande. Além de fotógrafo, ele era charadista, mestre em logogrifos e enigmas -em -verso. Com ele e meu pai eu tinha me iniciado nesta nobre arte, escarnejada por Clemente e Samuel. Mas foram as charadas e o logogrifo que me abriram as portas do Almanaque de Campina Grande e, através dele, as de outras

Os almanaques populares, a astrologia assim como os folhetos fazem parte da tradição popular rural do nordeste.

Os prognósticos astrológicos e os almanaques populares sempre foram muito consultados no mundo rural (KEITH, 1991). Essa tradição do culto à astrologia é antiga (LYNN, 1955: 273-274).⁴ Da antiguidade clássica até finais do século XVII a astrologia e aristotelismo partilhavam aspectos centrais de uma cosmologia assentada na estrita distinção entre a região celeste e a região terrestre e na influência da região celeste sobre a região terrestre. No século XVI, a astrologia fazia parte da imagem que o homem culto tinha do universo e de seu funcionamento (EUGENE, 1998:134)⁵. Nascida da fusão entre religião e ciência, a astrologia sustentava-se numa total humanização do cosmos e na integração dos comportamentos e emoções do homem no plano cósmico (CARLOS, 1974:33-95)⁶. Os astros, mais do que realidade meramente físicas eram concebidas, pelos cultivadores e defensores da astrologia nas vésperas do século XVII, como dotados de vida e ação. A astrologia constituída, assim, “uma coerente e orgânica visão de mundo”, na expressão de Paulo Rossi estava baseada na distinção, hierarquia e influência de céu/ terra em toda sociedade (PAULO, 1992:30).⁷

Era geralmente aceito que os quatro elementos que constituíam a região sublunar-terra, ar, fogo e água-eram mantidos no seu estado de incessante permuta pelo movimento dos corpos celestiais. Acreditava-se que os vários planetas transmitiam diferentes quantidades das quatro qualidades fisiológicas de calor e frio, secura e umidade. (LUÍS, 2003:50-51) Na interação entre corpos celestes e terrestres podia se compreender as mudanças físicas na terra.

publicações congêneres, entre as quais a mais importante era o Almanaque Charadístico e Literário Luso brasileiro com seu suplemento anual o Édipo. Depois de tornar colaborador deste livro célebre, passei a ser mais respeitado, apesar das picuinhas que Samuel e Clemente ainda me moviam, morrendo de inveja e despeito por dentro.

⁴ Ver ainda ROSSI, Paulo.

⁵ Ver ainda CAROLINO, Luis Miguel.

⁶ Ver por exemplo a publicação em 1593 de *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu in quatuor libros de Coelo Aristotelis Stagiritae*. Esta obra foi concebida como livro de suporte ao ensino das matérias de Cosmologia no Colégio das Artes de Coimbra e destacava-se pela extensão que dava a um topos: a teoria da influência dos corpos celestes no mundo sublunar ou terrestre. Astrologia he huma das ciências que aristóteles chamava de ciência mista; quero dizer que he Philosophica, que he matemática. A astrologia aparecia definida como ciência intermediária, ou seja ocupava dentro da taxonomia uma posição entre a física, que estudava o ser natural, e a matemática que visava o ser quantificável.

⁷ A cosmovisão assentada na astrologia defendida por alguns grupos tem chamado a atenção dos historiadores hoje ver BURKE, Peter. *El renascimento italiano. Cultura e sociedad em Itália*. Madrid, Alianza editorial, 1995. p. 174-177. CURRY, Patrick. *Prophecy and Power: Astrology in Early modern england*. Cambridge: Polity Press. 1989. CURRY, Patrick. “Astrology in early Modern England: the making of a vulgar knowledge” in: S. Pumfrey, p. Rossi e L. R. Slawinski (eds.), *Science, Culture and Popular Belief in renaissance Europe*, Manchester/Nova Iorque, Manchester University Press, 1991, pp. 274-291. GARIN. Eugenio. *O zodíaco da vida. A polémica sobre a astrologia do século XVI*. Lisboa; Editorial Estampa, 1988.

Essa relação entre os eventos terrenos e o movimento dos céus era apenas um exemplo dos muitos laços e correspondências que mantinha o universo coeso⁸. Desse modo a astrologia era uma disciplina mais ou menos aceita por todos. (THOMAS, 1991:238)

A prática da astrologia era composta de quatro ramos principais. Primeiro havia as previsões gerais, baseada nos movimentos futuros dos céus e que levavam em conta certos eventos iminentes tais como eclipses do sol ou da lua, ou as conjunções dos principais planetas em uma casa do zodíaco. Tais previsões diziam respeito ao clima, ao estado das colheitas, à mortalidade e às epidemias, à política e a guerra. Em segundo lugar, havia os mapas do céu no momento do nascimento de uma pessoa, que poderiam ser feitos na hora do nascimento a pedido dos pais da criança, ou poderiam ser reconstruídos para indivíduos adultos que pudessem fornecer detalhes sobre o momento do nascimento. Através do horóscopo poderia se prever o seu temperamento, da sua sorte e dos acontecimentos e ações no futuro.⁹ O horóscopo feito no nascimento podia ser reforçado por revoluções anuais, em que o astrólogo calculava as perspectivas do indivíduo para o ano que estava por vir.¹⁰

O astrólogo ajudava o seu cliente eleger o momento certo para tomar algumas atitudes. Comparando a relação entre as tendências indicadas pelo horóscopo do cliente com o que se sabia do movimento futuro dos céus, certos momentos poderiam ser identificados como mais

⁸ Segundo a cosmologia aristotélica – ptolomaica, a região celeste era composta na sua íntegra por um quinto elemento útil que alguns autores nomeavam de éter celestial, e que se encontrava em estado de perfeição e, logo, de inalterabilidade. Nesta região encontravam-se apenas as estrelas fixas, e os planetas em número de sete (girando em orbes, que se discutia seres fluidos ou duros e sólidos, concêntricos e excêntricos. Os fenômenos das estrelas cadentes, os cometas estavam localizados abaixo do côncavo da lua, no nível superior da atmosfera terrestre. Os corpos celestes apresentavam matéria diferente. Os sete planetas, considerando a ordem ascendente do mais distante ao mais próximo da terra (Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio, Lua) moviam-se segundo movimento circular, perfeito e eterno. O movimento das orbes celestes era atribuída, segundo alguns autores, não a uma força motriz própria, mas a inteligências espirituais. Considerava-se que esta mutabilidade estava relacionada com a influência dos corpos celestes, e que esses processos correspondem aos movimentos e as posições dos planetas. Ver THORNDIKE, Lynn. “The true place of Astrology in the History of Science” *Isis*, 46 (1955) pp.273-278. Aristóteles expõe as bases de sua cosmologia, sobretudo, nos dois primeiros livros *Commentarii in Secundum librum De Coelo*. Ver KHUN, Thomas. *A Revolução Copernicana*. Lisboa: Edições 70. s.d. p. 86-121.

⁹ “Quod ergo il, quo genethliacos vocant, qui videlicet nataletiam divicationem profitentur cuiusque hominis mores, fortunam, eventus actiones, etiam quae a libero arbitrio dependent, ac caetera futura contingunt, certo prawnuntiari valiant videtur probari posse”. *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu in quatuor libros. De Coelo Stageratae*, Lisboa: Ex officina Siminis Lopes. 1593. P. 186.

¹⁰ Na opinião dos estudiosos da astrologia no século XVI tendo-se em conta o planeta dominante e a posição dos astros no momento do nascimento de uma pessoa teria-se informações sobre o temperamento dos homens e também sobre o seu futuro. Assim, afirmava-se aqueles homens que Capricórnio tinha olhado benignamente numa espécie de olhar fatal- nasceriam reis; os olhados por Aquário pescadores; por Mercúrio, banqueiros; por Orion caçadores; e por Marte, homicidas. Algo semelhante se passava com aqueles que tinham ascendente em Gêmeos e Saturno e Mercúrio juntos. Sob Aquário na nona casa nasceriam poetas. Além disso, aqueles que no seu horóscopo tivessem tido Saturno colocado em Leão, estes seriam afastados de muitas calamidades. *Comentari Collegii Conimbricensis Societatis I seu in quatuor libros De Coelo Aristóteles Stageratae*, Lisboa: Ex officina Siminis Lopes. 1593. p. 187.

propícios que outros para se realizar qualquer empreendimento potencialmente arriscado, tais como viajar e escolher uma esposa. A escolha do melhor momento era também feita para operações rotineiras, tais como cortar os cabelos ou as unhas, ou tomar um banho.

Essas quatro esferas de atividades - previsões gerais, horóscopos, eleições e questões horárias eram o resumo da arte do astrólogo. Cada profissional podia especializar-se em uma delas, mas se esperava que ele dominasse todas elas.

O astrólogo podia possuir também um conhecimento sobre medicina¹¹. Entre os médicos do século XVI dizia-se que “O médico que não souber astronomia não poderá conhecer a causa nem tão pouco a doença”. (TEIXEIRA, 1670:17) Na gênese destas idéias encontra-se uma reflexão sobre a patologia baseada na teoria hipocrática dos humores humanos, na qual uma doença era concebida como um desequilíbrio dos humores provocado.

No século XVI, os assuntos relativos à astrologia não ficavam restritos aos estudiosos, mas foram difundidos através dos almanaques. Estas publicações começaram a se popularizar a partir do século XV¹². Receberam várias denominações (calendários, lunário, prognósticos). Na Península Ibérica o primeiro almanaque publicado em 1496 com este nome foi o *Almanach Perpetuum* do astrólogo, judeu, salmantino Abraham Zacuto. Um dos almanaques mais reeditado foi o do *Lunário e prognóstico Perpétuo*.¹³

O almanaque compreendia três partes completamente distintas. Havia o almanaque propriamente dito, que indicava os eventos astronômicos do ano entrante. Havia o calendário, que mostrava os dias da semana e do mês e as festas fixas da Igreja. Por fim, havia os prognósticos, ou previsão astrológica dos eventos notáveis do ano. Em geral eram vendidos juntos em um só volume, entremeados com o tipo de informações variadas como, por exemplo, um guia de estradas, cronologia dos acontecimentos históricos mais importantes, receitas médicas, sugestões de jardinagem. No século XVIII, os almanaques traziam também

¹¹ Os estudiosos da Astrologia no século XVI afirmavam que os astros em uma determinada relação com a terra poderia acarretar a esterilidade ou a fertilidade da terra, a calma ou a tempestade do mar e podia até provocar e curar doenças. Ver LOPES, Diogo. e CRUZ, Francisco da.

¹² Os almanaques eram pequenas publicações impressas em largas tiragens que tinham uma periodicidade anual e que eram colocados a venda em locais próprios do livreiro ou eram vendidos pelos vendedores ambulantes. Ver RADICH, Maria Carlos.

¹³ Vários almanaques circularam em Portugal no século XVII e XVIII como por exemplo PEQUENO, Antonio. *O cego astrólogo Antonio Pequeno, filho bastardo do sarrabal Saloyo, oferece A todos os cegos, cegonhas e tortos este grande prognóstico para o anno de 1739 terceiro depois do Bissexto Calculado em Cataluna, e ajustado nas Lunações às duas Lisboas, Pela altura so seu Pólo 38 graus e 42 minutos de curiosa elevação, & Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, 1738. Ver também o cego astrólogo, PEQUENO, Antonio, filho bastardo do sarrabal Saloyo, prognóstico particular para o anno de 1742. Segundo depois do Bissexto. Calculado, e ajustado nas lunações pela altura de nosso pólo 38 graos e 42 minutos de curiosa elevação, Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues, 1741*

a propaganda de livros, remédios patenteados e professores de matemática. (THOMAS, 1991:244)

No nordeste brasileiro os almanaques circularam em grande quantidade. Havia o *Almanaque de Pernambuco*¹⁴, de João Ferreira de Lima lançado em 1936 e que circulou até 1979, o Almanaque de Manoel dos Santos chamado *Almanaque do Nordeste brasileiro*¹⁵ o Almanaque de Manoel Caboclo e Silva chamado *Almanaque o Juízo do Ano*¹⁶ e de José Costa Leite chamado de o *Calendário Brasileiro, o Almanaque do Nordeste* de Vicente Vitorino Melo¹⁷ e o *Almanaque do Cariri*¹⁸. Os almanaques eram publicações populares de caráter regional e normalmente eram elaborados por escritores de cordel nordestinos, impressos nas folheterias de cordel e, vendidos, sobretudo no nordeste, visando os habitantes da zona rural

¹⁴ O *Almanaque de Pernambuco* foi lançado em 1936 por João Ferreira de Lima. João Ferreira era tido como um estudioso das ciências astrológicas, e era designado pelos poetas astrológicos, como mestre. Era bastante consultado. Para se ter uma idéia da circulação desse almanaque no ano de 1946, o próprio João Ferreira de Lima informa que de julho de 1945 a julho de 1946 recebeu 1.222, confeccionou 775 horóscopos e fez 2.354 consultas. Diz João Ferreira “Sócios do Almanaque Astrológico, tenho 365, sócios de 1940 a 1947”. Em 1946, informou que faturou cerca de 23.540,00 em consultas e posteriormente declarou que até 1970 fez 33.000 horóscopos e deu 25.000 consultas. João Ferreira de Lima, além de fazer horóscopos, lançou em 1951 “Segredos da natureza e sabedoria humana” e criou a Sociedade do Almanaque de Pernambuco. Essa associação cobrava anuidade e dava direito a cada sócio de receber um guia prático que continha os dias favoráveis para realizar negócios.

¹⁵ Manoel Luiz dos Santos residia em São José do Egito, Pernambuco. Sua casa era inclusive denominada de “Casa dos Horóscopos”. Foi agricultor e começou a se interessar pelo estudo da influência dos astros aos 7 anos de idade. Foi influenciado pelo pai. Seu pai possuía um caderno onde fazia anotações sobre o tempo, posição das nuvens, presença ou ausência de ventos. Essa influência inicial foi complementada pelo contato que teve com João Ferreira de Lima e principalmente pela leitura do Lunário Perpétuo. Em 1974, dois anos após a morte de João Ferreira de Lima exterioriza a admiração que tinha pelo amigo, num texto intitulado “O Homem é o herdeiro dos Homens”. Lembro os nomes dos 17 profetas sagrados: Jeremias, Isaías, Ezequiel, Daniel, Barue, Oséias, Joel, Amós Jonas, Abdias, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Recordo os grandes astrólogos do passado: Cláudio Ptolomeu do Egito, Nicolau Copérnico da Polônia, Kepler de Wurtemberg, Galileu da Itália, Newton da Inglaterra, Miguel de Nostradamus da França, mas a minha maior lembrança é sobre João Ferreira de Lima, natural de São José do Egito. Foi contemporâneo meu, muito meu amigo! De 1944 a 1947 vendeu folhetos e em 1947 começou a publicar almanaques. O primeiro número do almanaque do Nordeste Brasileiro foi publicado em 1949.”

¹⁶ O almanaque de Manoel Caboclo teve sua primeira publicação em 1960. O almanaque apresenta uma série de objetos a vendahoróscopos, talismãs e anel do zodíaco. O juízo do ano apresenta material variado desde citações sobre a Bíblia, Padre Cícero e sobre costumes. Ver ainda MEYER, Marlyse.

¹⁷ José Costa Leite era escritor de Folhetos. Em 1963 estabeleceu a folheteria São José e dedicou-se a xilogravura. Publicou o primeiro número do almanaque em 1960. Acreditava na influência dos astros sobre a vida humana. Afirmava por exemplo que um folheto escrito no quarto minguante não teria êxito. Não se achava um predestinado ou um profeta. As previsões astrológicas do ano aparecem no seu almanaque como título “A Experiência do ano”. Em 1972 passa a ser o “Juízo do ano”. Ver também MEYER, Marlyse.

¹⁸ O Almanaque do Cariri foi muito conhecido no sertão da Paraíba. Há exemplares de 1952. www.acervo.floriano.p.gov.br/creditos. O Almanaque do Cariri é inclusive mencionado por Quaderna. Diz Quaderna: (...) o nosso conhecido Euclides Villar emigrou para Campina Grande. Além de fotógrafo, ele era charadista, mestre em logogrifos e enigmas -em verso. Com ele e meu pai eu tinha me iniciado nesta nobre arte, escarnecida por Clemente e Samuel. Mas foram a charada e o logogrifo que me abriram as portas do *Almanaque de Campina Grande* e, através dele, as de outras publicações congêneres, entre as quais a mais importante era o *Almanaque Charadístico e Literário Luso Brasileiro*. SUASSUNA, Ariano.

dessa região.¹⁹ Enquanto os folhetos saíam várias vezes por ano os almanaques, as profecias e os avisos eram publicações anuais.

Assim como as histórias dos folhetos os almanaques chegavam ao homem do campo através da feira e do rádio.²⁰

Os almanaques populares do nordeste tinham um caráter informativo. Contavam de duas partes: uma correspondente às seções redigidas a partir de conhecimentos astrológicos e outra de conteúdo variado, em que se revelavam as tendências pessoais e o estilo de cada autor. O domínio do divinatório dá especificidades à publicação. Os conhecimentos astrológicos juntavam-se a outros como numerologia, quiromancia e recebiam nos almanaques populares a designação geral de ocultismo ou ciências ocultas (RUTE, sd.:62).²¹

Na primeira parte dos almanaques de Pernambuco predominam os elementos ligados à astrologia (SUASSUNA, 1972:95).²² Havia várias seções nos almanaques de Pernambuco. Entre elas o “Juízo do ano” ou “Experiência do ano” e a “Previsão do ano”. Porém, a elaboração do horóscopo é destacada. Havia também vários tipos de horóscopo. O Horóscopo individual e coletivo chamado “Os doze signos ou Horóscopos para todos, O Horóscopo Médio de 3 anos de futuro, Horóscopo de 6 anos de futuro, Horóscopo e talismã Planetário do signo, Horóscopo e Guia da saúde, Horóscopo com grafologia, Horóscopo com cartomancia,

¹⁹ Os almanaques tinham cerca de oito, dezesseis ou trinta e duas páginas. Tanto os Almanques de farmácia como os Almanques do Pensamento, que circularam no Brasil desde 1912, influenciaram os Almanques Populares no Nordeste. Outros textos eram citados nos almanaques como por exemplo *O Lunário e Prognóstico Perpétuo*, *O Tarô advinhatório e Experiências Astrológicas*. Lunário Perpétuo de Jerônimo Cortez é uma das principais fontes de leitura e consulta dos fazedores de almanaques é a obra que mais influência os escritores de almanaques. Fornece informações sobre o tempo, o astro, os planetas e dá toda a base necessária para a elaboração do horóscopo. Seguem-se ainda conselhos médicos com indicações de remédios. Informa ao leitor também os vários tipos de jogos. Descreve ainda informações a saúde e sobre a efeito da carne nos humores “A carne de cabra, de bode, de lebre e de boi, não é boa para conservar a saúde; porque, como diz Almançor, “de anima” a tal carne gera os humores grossos e sangue melancólico. Isaac escreve (in diactis universalibus), que as carnes de boi e de bode são duras, carregadas e de má digestão, e que criam os humores melancólicos e pesados. Finalmente, toda a carne que tem pello agudo, e a pior carne das sobreditas, conforme Avicena, é a de bode, e a melhor conforme Galeno, é a do toucinho: porém, os enfermos nem uma nem outra valem, nada, antes é maligna e prejudicial” Cf. Lunário Perpétuo. 1955 p. 166.

²⁰ Em 1950 surgiram no rádio os programas de cantadores e os programas que falavam de horóscopo. Cf ALMEIDA, Rute Trindade.

²¹ Ver por exemplo a seguinte propaganda presente no planfeto de propaganda do almanaque “O Vencedor” O astrólogo científico prof José Inocêncio, e grafólogo, quiromante, cartomante- científico, tendo concluído os cursos de astrologia Científica e Ciências Ocultas”.

²² As previsões astrológicas são destacadas na Pedra do Reino. Diz Quaderna: “vinha provar, mais uma vez que a astrologia não falha. De fato, ainda na Carnaúba, eu consultara os astros sobre minha expedição, e encontrara o seguinte no *Almanaque*: Para os nascidos sob o signo de Gêmeos o tempo será favorável, por causa dos influxos benéficos do Planeta Mercúrio. Viagem melhorará assuntos amorosos, financeiros, políticos e sócias. Grande achado. Pessoa mal intencionada quererá intervir, mas não obterá sucesso. Seja mais observador. Era claro, claríssimo, até! A viagem à Pedra do Reino seria favorável à monarquia dos Quadernas e eu deveria ser o mais observador possível, não só para evitar as interferências daqueles mal intencionados Pereira, como também para entender um sinal, um achado que os astros terminariam me indicando”.

numerologia. Inocêncio Rosa escritor de almanaques fala de Horóscopo n. 1 ou popular, Horóscopo n. 2, ou “ O Destino pelos Astros” e Horóscopo n. 3, Trabalho Geral ou Diretriz do Destino”. Para fazer o horóscopo os astrólogos exigiam do cliente nome, hora, dia mês e ano de nascimento.

A primeira seção tratava das previsões gerais para o ano. Os escritores de almanaque apresentam o planeta dominante e os arcanos correspondentes. Esta informação era geralmente extraída do Tarô Advinhatório. Os escritores de almanaques se apoiavam no Lunário e Prognóstico Perpétuo o Tarô Advinhatório e Experiências Astrológicas para fazer suas previsões.

A segunda parte está voltada predominantemente, para a vida prática, e nela os autores podem mostrar suas tendências pessoais. O centro de interesses é a terra. Quase todas as seções estão ligadas a terra: dias e locais próprios para semear, previsão dos preços de cereais, remédios contra praga flora medicinal, conselho aos criadores (RUTE, sd: 62).²³ Escrito, basicamente, para os agricultores nordestinos, almanaques e horóscopos trazem todo tipo de informação que lhes poderiam ser úteis. Assim, Vicente Viturino escrevia uma página do seu almanaque com "dias próprios para deitar galinhas tirar mais pintas do que pintos em 1976" e "os dias não aconselháveis para a castração de animais".

Na Pedra do Reino há um destaque nos almanaques aos raizeiros ²⁴. Realmente havia uma seção dos almanaques, que circularam em Pernambuco, que era dedicada à saúde. Havia informação sobre as ervas para a cura de algumas doenças. A maior parte dos medicamentos é composto de chás. Como coadjuvantes aos tratamentos estão cataplasma, fricções banhos, banhos de assento e dietas. Há também um regime alimentar para complementar o tratamento de diversas doenças. Alguns produtos do receituário popular aparecem nos almanaques, como

²³ Há uma série de referências a que tipo de animais criar.

²⁴ Quaderna se refere aos raizeiros : (...) meu pai se tornou se tornou, além de redator do *Almanaque do Cariri*, um pouco médico, com as receitas do Lunário, um pouco poeta, um pouco orador (...). O professor Clemente e o doutor Samuel, quando morávamos na Casa Forte da Torre da onça Malhada, costumavam ridicularizar meu pai a quem chamavam “O Fidalgo Raizeiro”. Raizeiro, por causa das receitas do Lunário e dos chás de Ervas (...) SUASSUNA, Ariano. *Romance d’ A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai -e -volta*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1972. p. 447. Essa citação de Quaderna tem sua razão de ser. Os raizeiros tiveram importância marcante em Recife. Izidio Salustiano Diniz em *Memórias de um raizeiro* narra sua história como raizeiro em Caruaru. Diz ele: Quando eu já estava com mais ou menos meus 16 anos, 17, uma coisa assim, minha mãe veio para Caruaru. Aí fui embora morar mais ela, que continuou me incentivando: Se você gosta da natureza das árvores, da terra, então isso é um prazer seu. Faça aquilo que você gosta! (...) Minha mão não era uma rezadeira. Apenas fazia aqueles remediozinhos com plantas. Um dia conversando com ela, eu disse: Mãe, eu vou ser um vendedor de plantas, um raizeiro”. “Minha mãe é rezadeira e todos os medicamentos que ela passa é através das plantas. É um defumador, é um banho, é um chá, um lambedor, uma garrafada”. DINIZ, Izidio Salustiano. *Memórias de um raizeiro*. Cadernos de Educação popular 18. Petrópolis: Nova, Vozes1991. p. 10, p. 25.

sal-amargo, água oxigenada, álcool amoníaco, óleo de rícino, terebentina. Recomendava-se procurar certos farmacêuticos que curavam certas doenças como asma epilepsia, reumatismo.

Na *Pedra do Reino* o escritor Ariano Suassuna se refere aos cordelistas se tornaram escritores de almanaques. Há que se destacar outros cordelistas que escreveram os almanaques mais importantes que circularam em Pernambuco. Entre eles José Costa Leite, João Ferreira de Lima, Manoel Luiz dos Santos, Manoel Caboclo e Silva, José Joavelim os mais respeitados escritores de almanaques²⁵.

BIBLIOGRAFIA:

- 01 - ALMEIDA, Rute Trindade. Os almanaques populares no nordeste.
- 02 - CAROLINO, Luis Miguel. Ciência, Astrologia e Sociedade. A Teoria da influência celeste em Portugal (1593-1755). Porto: Fundação Caloste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 2003.
- 03 - CRUZ, Francisco DA. Institutiones Phisicorum.
- 04 - GARIN, Eugene. O Zodíaco da Vida. A polêmica sobre a astrologia do século XIV ao século XVI. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- KHUN, Thomas. *A Revolução Copernicana*. Lisboa: Edições 70.
- 05 - LOPES, Diogo. Compendium Totis Philosphophica.
- 06 - MEYER, Marlyse. *Do Almanak aos Almanques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- 07- NASCIMENTO, Carlos Ribeiro do. “Lê statut epistemologique dês sciences intermediáries, selon Saint Thomas D’ Aquin. Cahiers d’ Etudes Medievaes, 2 (1974).
- 08 - RADICH, Maria Carlos. *Almanaque.Tempo e saberes*, Centelha s.d.
- 09 - ROSSI, Paulo. A Ciência e a Filosofia dos Modernos. Aspectos da Revolução Científica. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- 10 - ROSSI, Paulo. “Sobre o declínio da Astrologia nos Inícios da Idade Moderna”. In: A

²⁵ O primeiro almanaque foi do astrônomo popular José Honorato de Souza, de 1924. Em 1935, outro o poeta popular, João Ferreira de Lima, lançou em Bezerros, em Pernambuco, o *Almanaque de Pernambuco*. Em 1949° astrólogo e poeta popular Manoel Luiz dos Santos lançou em São José do Egito, o almanaque de inverno chamado *Almanaque do Nordeste Brasileiro*. Em 1952, Vicente Vitorino de Melo, em Caruaru, lançou o *Almanaque do Nordeste*. José Joavelim da Silva o professor de ciências ocultas lançou no ano seguinte o *Almanaque Leão do Norte* que posteriormente recebeu um novo nome *Almanaque São José*. No mesmo ano José Costa Leite lançou em Condado, Pernambuco, o *Calendário Brasileiro* e, em 1960, o poeta popular e astrólogo Manoel Caboclo e Silva lançou o *Almanaque Juízo do Ano SOBRINHO*, José Alves. *Cantadores, repentistas e poetas populares*. Campina Grande Bagagem, 2003. p.195-196.

Ciência e a Filosofia dos Modernos. Aspectos da Revolução Científica. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

11 - SUASSUNA, Ariano. Romance d' A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1972.

12 - TEIXEIRA, Antonio. Epítome das Notícias Astrológicas necessárias para a medicina. Lisboa: Oficina João da Costa. 1670.

13 - THOMAS, Keith. Religião e o declínio da magia: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

14 - THORNDIKE, Lynn. "The true place of Astrology in the history of Science". Isis, 46 (1955).